



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letra – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Graduação em Letras/Português

**SOBRE A ORDEM VS EM ORAÇÕES
COORDENADAS E SUBORDINADAS EM
TEXTOS JORNALÍSTICOS DO SÉCULO XIX:
O PAPEL DAS CONJUNÇÕES**

Flávia Lima de Deus

Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Brasília – 2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letra – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Graduação em Letras/Português

**SOBRE A ORDEM VS EM ORAÇÕES
COORDENADAS E SUBORDINADAS EM
TEXTOS JORNALÍSTICOS DO SÉCULO XIX:
O PAPEL DAS CONJUNÇÕES**

Flávia Lima de Deus

Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília – UnB, como requisito de conclusão do curso de Letras/Português.

Brasília – 2016

Deus, Flávia Lima

Sobre o uso da conjunção na ordem VS na região Centro – Oeste – século XIX/
Flávia Lima de Deus. – Brasília, 2016.

Monografia (graduação) – Universidade de Brasília, Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas, 2016.

Orientador: Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.

1. Conjunção. 2. Ordem VS. 3. Centro-oeste.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letra – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Graduação em Letras/Português

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília – UnB, como requisito de conclusão do curso de Letras/Português.

**SOBRE A ORDEM VS EM ORAÇÕES
COORDENADAS E SUBORDINADAS EM
TEXTOS JORNALÍSTICOS DO SÉCULO XIX:
O PAPEL DAS CONJUNÇÕES**

Flávia Lima de Deus

Aprovado por:

Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXX

Brasília, xx de julho de 2016.

Dedico esse trabalho a minha Mãe Maria
Salette Lima de Deus e aos meus irmãos
Vanessa Lima de Deus e Luiz Paulo Alberto
Lima de Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À minha mãe Maria Salete Lima de Deus

À minha irmã Vanessa Lima de Deus

Ao meu irmão Luiz Paulo Alberto Lima de Deus

À professora Dr^a. Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles

“El sueño de la razón produce monstruos.”

Francisco de Goya

RESUMO

A presente pesquisa examina aspectos sintáticos de sentenças com ordem verbo-sujeito (VS) no português brasileiro (PB), em textos jornalísticos produzidos na região Centro-Oeste, durante o século XIX. O objetivo é analisar a ocorrência da ordem VS em função da tipologia das conjunções em oração subordinadas e coordenadas, tendo em vista a hipótese de que, nesse período, a língua manifesta o padrão de ordem V2, oriundo do português clássico (conforme propõem análises prévias). A escolha do corpus relaciona-se à situação de isolamento social e, conseqüentemente, linguístico, ocorrida a partir do século XIX na província de Goiás, em virtude das mudanças no ciclo econômico, que favoreceram a pecuária extensiva, em detrimento das atividades ligadas à extração de ouro (que promoviam maior mobilidade populacional). Diante disso, nota-se o surgimento de um novo povoamento após o êxodo dos mineradores e o aldeamento da população indígena, o que favoreceu o aparecimento de uma língua local, com características que a distinguem da língua falada nas demais regiões do país. Nossa hipótese é a de que existe relação entre a ocorrência da ordem VS e a presença da conjunção (subordinativa ou coordenativa) na fronteira da oração. Assumindo-se que tal fenômeno tem origem no português clássico, levado para a região na colonização (assim como a língua geral paulista de base Tupí-Guaraní), concluímos que essa característica se mantém, no século XIX. Seguindo análises prévias, assumimos que a oração VS do PB contemporâneo é um tipo de inversão locativa, em que a posição de sujeito é ocupada por um locativo. A hipótese investigada é a de que a inversão locativa no português brasileiro se desenvolve a partir da estrutura V2, do português clássico, por um processo de reanálise estrutural. A ordem VS associada à sintaxe V2, diante da presença de material linguístico na periferia da oração, é substituída pela ordem VS associada à inversão locativa (com XP locativo em specIP).

Palavras-chave: Ordem VS; Português Centro-Oeste; conjunção, verbos transitivos, verbos inacusativos e verbos inegativos.

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1** - Tipologia de ordenação de constituintes nas línguas naturais (Dik, 1980).....16
- Quadro 2** - Número total da distribuição de cada contexto selecionado de VS para análise no *Jornal Matutina Meyapontense* (Século XIX -1830).....21
- Quadro 3** - Casos de ordem VS com verbos transitivos, em função do tipo que ocorre na primeira posição – fonte documental: *Jornal Matutina Meyapontense* (Século XIX – 1830).....28
- Quadro 4** - Relação entre a ordem VS em estruturas introduzidas por conjunção e a contiguidade entre o verbo e o sujeito.....27

LISTA DE ABREVIATURAS

- **Ordem VS** – Ordem Verbo-Sujeito
- **PB** – Português Brasileiro
- **SVO** – Sujeito-Verbo-Objeto
- **VSO** – Verbo-Sujeito-Objeto
- **VOS** – Verbo-Objeto-Sujeito
- **OVS** – Objeto-Verbo-Sujeito
- **MM**- Jornal *Matutina Meyapontense*

SUMÁRIO

Introdução	12
Capítulo 1 – A ordem VS no Português Brasileiro	16
1.1. Contextos favoráveis à ordem VS no PB.....	17
1.2. A ordem VS com verbos transitivos.....	20
Capítulo 2 – Ordem VS em orações subordinadas e coordenadas: sistematização para análise de dados	23
2.1. Subordinação completiva ou substantiva.....	23
2.2. Relativa ou adjetiva.....	24
2.3. Circunstancial ou adverbial.....	24
2.4. Coordenação.....	25
Capítulo 3 – Análise da Ordem VS em documentos jornalísticos do centro-oeste no Século XIX: O papel do tipo de conjunção/oração	26
3.1. <i>Corpus</i>	26
3.2. Metodologia.....	26
3.3. Análise da ordem VS em orações introduzidas por conjunção em função do tipo de verbo e do tipo de termo da oração.....	27
3.3.1. VS com verbos transitivos.....	27
Referência Bibliográfica	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa, sob o aspecto sintático, sentenças com ordem verbo-sujeito (VS) no português brasileiro (PB) em textos jornalísticos produzidos na região Centro-Oeste no século XIX. O objetivo principal é investigar a ocorrência da ordem VS em orações introduzidas por conjunções coordenativas e subordinativas, considerando o tipo de predicado – transitivo; intransitivo (inergativo e inacusativo). Tomamos por base o estudo de Pedroza (2015), que investiga a manifestação da ordem VS em textos jornalísticos produzidos no português do século XIX, na região central do Brasil, tendo em vista a hipótese de que, no português clássico, que foi trazido para o Brasil no período colonial, existe uma tendência à ocorrência da ordem VS. Em particular, examinamos as orações coordenadas e subordinadas, a fim de verificar a relação entre a presença da conjunção e o tipo de predicado. Para tanto, fazemos um levantamento quantitativo das ocorrências da ordem VS, considerando as conjunções introdutoras das estruturas subordinadas e coordenadas. Na análise, sistematizamos os resultados em função do tipo do verbo, neste caso específico os transitivos, inergativos e inacusativos, bem como investigamos relação entre a ordem VS e o tipo de conjunção (subordinativa e coordenativa).

Nossa hipótese de trabalho está baseada nas conclusões dos estudos de Galves & Paixão e Sousa (2004) e Ribeiro (2000), segundo os quais o português clássico é uma língua V2, (um padrão também encontrado no português arcaico – cf. Ribeiro 1995). Essa característica impõe a ordem VS sempre que o sujeito é uma expressão não marcada informacionalmente. Inversamente, a ordem SV(O) pressupõe uma interpretação marcada para o sujeito. Conforme amplamente descrito na literatura, o padrão de ordem V2 consiste na realização do verbo na segunda posição sempre que houver um constituinte na primeira posição. É o que observamos nos dados a seguir, extraídos de Ribeiro (1995):

“... o rótulo ‘línguas V2’ identifica línguas que realizam as construções declarativas raízes com a ordem XV(S), em que o verbo finito está em segunda posição e é antecedido por um constituinte sintagmático qualquer. Nas sentenças encaixadas, o verbo finito pode ser no final, como no alemão, ou medial, como no islandês. Essa assimetria raiz/encaixada, em relação ao

posicionamento do verbo, é um dos aspectos da sintaxe V2 que tem sido mais explorados nas tentativas de explicação desse fenômeno”.

Considerando o processo de colonização da região central do Brasil, designada província de Goyaz, buscamos investigar se tal característica está presente nos textos produzidos na região.¹ Para tanto, conforme mencionado partimos dos resultados de Pedrosa (2014), que investiga a ordem VS em textos do século XIX, produzidos na região, e nos detemos na análise do período composto por coordenação e por subordinação. Considerando a hipótese citada, buscamos verificar o papel da conjunção na ocorrência da ordem VS, bem como a posição de sujeito, no que se refere às propriedades informacionais.

A escolha do corpus relaciona-se à situação de isolamento social e, conseqüentemente, linguístico, ocorrida a partir do século XIX na província de Goiás, em virtude das mudanças no ciclo econômico, que favoreceram a pecuária extensiva, em detrimento das atividades ligadas à extração de ouro (que promoviam maior mobilidade populacional) (cf. Americano do Brasil; Bertrand). Diante disso, nota-se o surgimento de um novo processo de povoamento, após o êxodo dos mineradores, com o surgimento de uma sociedade rural e o aldeamento da população indígena, o que favoreceu o aparecimento de uma língua local, com características que a distinguem das demais regiões do país.

Para sua análise, Pedroza (2015) delimitou, como fonte documental primária, as cartas dos leitores (seção “Correspondencia”), encontradas nas edições de nº 1 (5 de março de 1830) a nº 54 (11 de maio de 1830) do *Jornal Matutina Meyapontense*, publicado na cidade de XXX. Escolheu essa seção objetivando retratar com a maior fidelidade possível as normas vernáculas do português na região centro-oeste brasileira, no século XIX, e, assim, realizar uma abordagem quantitativa autêntica e natural das orações com ordem VS. Em nosso estudo, consideramos, particularmente, os resultados do autor no que se refere ao período composto, conforme mencionado, aos quais acrescentamos os resultados de estudos adicionais encontrados na literatura, a fim de verificar nossa hipótese de trabalho.

1 O rótulo Goiaz é usado em alusão à nação indígena que, supostamente, vivia na região, embora sua existência seja questionada pelos historiadores (cf. Americano do Brasil XX).

Retomando o processo de ocupação da região Centro-Oeste, acrescentamos que uma consequência do novo ciclo econômico, baseado na pecuária extensiva, é a redução da população no século XIX, com a consequente redução da quantidade de escravos e de novos fluxos migratórios. Consequentemente, o contato de línguas é afetado pela situação de isolamento. Nesse período, tem-se um movimento para o sul da capitania, isto é, para os grandes campos de pastagens, áreas anteriormente ocupadas pela comunidade indígenas, que, aos poucos, foram sendo empurradas para o oeste, ou foram submetidas a um processo de aldeamento. Diante disso, verifica-se o desaparecimento das populações indígenas e consequentemente da língua indígena naquela região, restando, porém, as referências culturais e do contato linguístico, que, por hipótese, estão presentes nas características dialetais da região.

Assim, com o fim da mineração e o extermínio dos indígenas, surge, em meados do século XIX, um novo tipo de povoamento do Centro-Oeste estabelecido através de duas vias de penetração na região: a de “cima”, originária da região Nordeste, com criadores de gado que se espalharam pelo oeste da Bahia, através do Rio São Francisco, penetrando nas fronteiras de Goiás; e a de “baixo”, originária de São Paulo, de Minas Gerais e da região Sul, que penetrou no território goiano através dos antigos caminhos de mineração, estabilizando-se no Sudoeste da província. (Borges: 2008: 35-36).

Além disso, a dificuldade de comunicação com as outras regiões brasileiras refletiu negativamente sobre o fluxo migratório na região. Por essa razão, com as enormes distâncias que separavam a província dos portos do litoral e a falta de recursos para construir vias de acesso à região, Goiás e a sua comunidade linguística ficaram relativamente isoladas do restante do país. Esse isolamento linguístico torna instigante a realização de uma investigação acerca da língua portuguesa falada na região. Dessa forma, constituiu-se um corpus que retrata essa língua, considerando, em particular, a ordem VS.

Ambar (1992) define como ordem VS “a alteração da ordem de constituintes resultante de uma operação de movimento que desloca da sua posição de base ou o sujeito ou o verbo de uma estrutura frásica, convertendo a ordem básica de uma língua SVO (Sujeito-Verbo-Objecto), numa ordem em que o verbo precede o sujeito, i.e., numa ordem VSO (Verbo-Sujeito-Objecto), VOS (Verbo-Objecto-Sujeito) ou OVS (Objecto-Verbo-Sujeito)” (AMBAR 1992-p. 5).

Assim, a partir desse contexto, este trabalho está estruturado da seguinte forma:

No capítulo 1, será apresentada uma revisão de estudos prévios sobre a ordem VS no português brasileiro, especificando sua ocorrência com verbos transitivos, inergativos, inacusativos, não-acusativos e com sujeitos definidos.

Em seguida, no capítulo 2, será feita uma análise dos períodos de subordinação completiva ou substantiva; relativa ou adjetiva; circunstancial ou adverbial; coordenação e correlação.

Finalmente, no capítulo 3, será analisado o papel das conjunções na ordem VS no Centro-Oeste no século XIX a partir do corpus anteriormente definido; por fim, será proposta uma análise para a relação entre o tipo de conjunção e a manifestação da ordem VS com verbos transitivos, inacusativos e inergativos.

CAPÍTULO 1

A ORDEM VS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Primeiramente, tem-se que a ordem básica (ponto de partida da análise das ordens derivadas) que consensualmente tem sido atribuída ao português brasileiro (PB), quer pela gramática tradicional, quer em estudos mais recentes da gramática portuguesa, é a ordem SVO.

No quadro da Gramática Funcional desenvolvida por Simon Dik (1980), as questões de ordenação de constituintes ocupam um lugar de destaque, pois as predicções (estruturas relacionais subjacentes aos enunciados linguísticos) não tem o predicado, seus argumentos e satélites, numa ordem relevante para a ordem de constituintes em que as frases aparecem. Assim, Dik (1980) teve de definir um conjunto de processos que, tomando as estruturas de predicação como entrada, permitam chegar à ordenação real dos constituintes que integram os enunciados efetivos da língua. Para tal, o autor utiliza também o conceito de ordem básica. Mas, contrariamente ao que acontece na gramática generativo-transformacional, na sua abordagem da ordenação dos constituintes, Dik (1980) admite que as línguas podem ter mais que uma ordem básica.

Daí, partindo do pressuposto de que numa mesma língua possam coexistir duas ou mais “ordens básicas”, é possível traçar uma tipologia das línguas de acordo com os padrões de ordem básica dessas línguas. Admitindo essa hipótese, de que as línguas podem passar, através dos processos históricos definidos, de uma ordem VSO a uma ordem SVO, Dik (1980) propõe o seguinte modelo de análise:

Quadro 1

Tipologia de ordenação de constituintes nas línguas naturais (Dik, 1980)

Línguas	Ordem básica	Ordem dominante
V1	VSO	VSO não marcada nas frases reais
V2	VSO	SVO não marcada nas frases reais
V2 forte	VSO	V está sempre em segunda posição na ordem dominantes não marcadas
V3	SVO	V vem em terceira posição sempre que qualquer constituinte diferente do sujeito é colocado em posição inicial.

Para Dik (1980), um padrão de ordem básica não se confunde com a relação de ordem mais frequente nos enunciados de uma dada língua. Ele é antes a relação de ordem que representa um nível abstrato de generalização, dado de que se parte para explicar outras ordenações possíveis com recurso a um número restrito de regras. Por esta razão, línguas aparentemente SVO poderão ser efetivamente VSO. A questão está, uma vez mais, em fixar critérios que permitam decidir se uma língua tem por padrão de ordem básica a relação de ordem x ou a relação de ordem y.

Dik (1980) aponta um critério que permite distinguir entre uma ordem VSO e uma ordem SVO. Consiste em observar o que acontece quando um constituinte, diferente do Sujeito, é posto em posição inicial de frase: se o Sujeito mantém a posição pré-verbal, a língua é realmente SVO; se o sujeito surge em posição pós-verbal, então a língua é VSO.

A partir daí, define-se como inversão obrigatória o processo sintático de alteração da ordem Sujeito Verbo em Verbo Sujeito, que a não se verifica, resulta numa frase agramatical. É o que ilustram os dados a seguir, com dados do PB, extraídos de Ambar (1992, pg. 56):

(1)

- a. *Que o Pedro fez?
- b. *Que o PEDRO fez?
- c. Que fez o Pedro?

As pesquisas sobre a ordem VS no PB, da década de 80, entre as quais a de Lira (1986), abordam aspectos semelhantes, principalmente, em dois pontos: a pouca ocorrência na ordem VS no PB e a sua restrição a contextos de apenas um argumento.

Na próxima seção, apresentamos os estudos sobre a ordem VS no PB. Consideramos inicialmente a análise de Kato & Tarallo (1988), bem como de Pilati (2006), e em seguida o estudo de Spano (2008), que aponta fatores favorecedores da ordem VS com verbos transitivos.

1.1 Contextos favoráveis à ordem VS no PB

De acordo com com Kato & Tarallo (1988), o fenômeno da ordem VS no PB apresenta um caráter heterogêneo. Os autores postulam três tipos de estruturas envolvidas na sintaxe VS nas línguas: as construções inacusativas, as construções de

fronteamento (anteposição) do verbo (V-fronting) e construções de antitópico (“falsa inversão”).

Segundo Kato & Tarallo (1988), as construções inacusativas são aquelas compostas por verbos (apresentativos, existenciais, construções passivas) que não apresentam argumento externo, somente argumento interno, localizado à direita do verbo sem marcação de Caso acusativo. Como exemplo, os autores citam:

(1) Sujeito nulo

a) Chegaram os ovos. (Kato & Tarallo, 1988, pg. 16)

(2) Sujeito canônico

b) Os ovos chegaram. (Kato & Tarallo, 1988, pg. 16)

Nesse sentido, na ordem VS, em estruturas inacusativas, o argumento interno com função de sujeito é interpretado como foco (ou informação novo) com uma função apresentativa. Há a possibilidade também de esse argumento assumir outra leitura, a de tópico, quando se move para a posição de sujeito.

Burzio (1986) classifica os verbos de um único argumento, tradicionalmente conhecidos como intransitivos, em duas classes autônomas: a dos inergativos e a dos inacusativos (ergativo), sendo cada classe associada a uma estrutura profunda distinta. Enquanto os verbos inergativos (almoçar, bincar, gritar, trabalhar, viajar), apresentam um argumento externo ao sintagma verbal, posição de um SN sujeito, os inacusativos (acabar, acontecer, aparecer, crescer, faltar, morrer, nascer, ocorrer, surgir) selecionam um argumento gerado internamente ao sintagma verbal, ou seja, na posição de complemento que não recebe Caso acusativo como acontece com os argumentos dos verbos transitivos. Isso implica, portanto, em linhas gerais, que o papel temático atribuído ao argumento de verbos inergativos é o de agente e o de construções inacusativas, o de tema.

De acordo com Kato & Tarallo (1988), as estruturas com verbos intransitivos não-ergativos e com verbos transitivos, a ordem VS apenas seria possível se o sujeito ocupasse sua posição canônica na sentença e o verbo se deslocasse para uma posição mais alta, movimento esse que poderia ser acionado, por exemplo, pela presença de um elemento – QU.

Kato & Tarallo (1988) apontam, ainda, que, pelo fato de o sujeito ocupar a posição de um sujeito sintático da oração, espera-se que haja concordância entre o sujeito invertido e a forma verbal nessas construções. Ainda sobre essas construções,

Kato & Tarallo (1988) apontam que, a respeito da ordem de elementos adverbiais: (i) não há elementos adverbiais que precedam o verbo; (ii) ocorrem entre o verbo e o sujeito invertido advérbios de modalidade; e (iii) ocorrem depois do sujeito invertido advérbios de modalidade, atitude, frequência, tempo, lugar e modo.

Nas estruturas de antitópico, Kato & Tarallo (1988) afirmam que o sujeito invertido seria uma esclarecimento do sujeito sintático, presumivelmente o tópico da sentença.

Já as construções de fronteamento (anteposição) do verbo, ocorrem em função de um elemento desencadeador, como sintagmas Qu-, principalmente, pronomes interrogativos, e advérbios locativos (com valor apenas de foco) para o verbo se antepor ao sujeito. Esse elemento desencadeador se realiza na posição de complementador.

Kato & Tarallo (1988) constatam que a anteposição do verbo ao sujeito no PB é opcional em interrogativas Qu-, que permite tanto a ordem VS quando a ordem SV. Esse tipo de construção está restrito a verbos de um argumento, como demonstrado nos exemplos:

- c)
 - a) Onde dormem os meninos? (Kato & Tarallo, 1988, pg. 5)
 ´Onde os meninos dormem? (Kato & Tarallo, 1988, pg. 5)
 - b) Ali morreram os soldados. (Kato & Tarallo, 1988, pg. 5)
 ´Ali os soldados morreram. (Kato & Tarallo, 1988, pg.5)

Em relação às construções antitópico, o sujeito é movido “para uma posição não argumental, isto é para a posição de antitópico, simétrica à de tópico” (Kato & Tarallo, 1988). Neste caso, o sujeito é deslocado para a posição final da sentença, externa ao predicado.

No PB, a posição do sujeito pode aparecer com um pronome nulo, preferencialmente com verbos monoargumentais, ou com um pronome expresso, como nos exemplos:

- (4)
 - a) [Tá pronto,] o vestido azuli.
 - b. [Ele, tá pronto,] o vestido azuli.

Em síntese, no PB, as construções inacusativas são as mais produtivas com a ordem VS enquanto as construções de fronteamento do verbo e antitópico estão se tornando residuais no sistema (Kato & Tarallo, 1988, pg. 26).

A partir do levantamento desses três tipos de estrutura VS, Kato & Tarallo (1988) postularam uma generalização descritiva para o PB, referida como “restrição de monoargumentalidade”, em que, como o próprio nome indica, a ordem VS no PB se limita a verbos monoargumentais (com um argumento ou intransitivos). Dessa forma, o PB se afasta de outras línguas românicas [+/- pro-drop], em particular do PE, que estendem a ocorrência da ordem VS a outros contextos, como, por exemplo, a verbos transitivos.

Segundo os autores, essa restrição da ordem VS resulta de dois outros fenômenos linguísticos que estão em processo de mudança na sintaxe do PB: o desaparecimento do clítico de 3ª pessoa e a gradual mudança de uma língua [+ pro-drop] para [- pro-drop].

Apoiando-se nessa análise, e buscando aprofundar a questão dos fatores citados em relação à mudança observada no PB em relação à sintaxe do sujeito, Pilati (2006) avança a hipótese de que os casos de ordem VS no PB estão relacionados à presença de uma categoria adverbial (locativa) na estrutura oracional, que licencia a posição de sujeito (nula), o que explica que o sujeito argumental não se desloque para tal posição. Nesse sentido, a estrutura oracional corresponde a um caso de inversão locativa (essa questão será retomada).

1.2 A ordem VS com verbos transitivos

As construções transitivas são definidas essencialmente em função da estrutura argumental dos verbos, também referidas como a valência do verbo. Conforme amplamente reconhecido na literatura, definem-se como transitivos os verbos que apresentam, ao menos, dois argumentos: um externo e outro interno. Estabelecendo uma relação como os papéis temáticos ou semânticos desses argumentos, os estudos apontam que o argumento externo é marcado essencialmente pelo traço [agente] e, na voz ativa, estabelece com o verbo a relação gramatical de sujeito, enquanto o argumento interno exhibe tipicamente o traço [tema] com a relação gramatical de objeto (cf. Spano, 2008, pg. 151, entre muitos outros autores).

Spano (2008) observa que, no PB, as propriedades de seleção semântica e sintática de um verbo permitem delimitar a sua ordem básica, que, no caso dos verbos transitivos, é a ordem SV.

Seguindo a tradição dos estudos gramaticais, a autora acrescenta que, os verbos transitivos podem ser assim classificados:

1. transitivos diretos (1 argumento interno, objeto direto),
2. transitivos indiretos (1 argumento interno, objeto indireto sob a forma de um dativo (lhe), com as preposições a e para),
3. transitivos preposicionais (1 argumento interno oblíquo, com valor preposicional ou adverbial, com preposições fixas, principalmente, *de, a, em*),
4. verbos ditransitivos (2 argumentos internos, objeto direto e indireto)

Analisando o caso do PB, Spano (2008) afirma que a ordem VS se concentra nos verbos transitivos diretos, quando o argumento interno é realizado em uma estrutura com relação de conformidade, em que a conjunção conformativa se apresenta a esquerda dessas construções, como nas sentenças:

(5)

a) “Não se podem desrespeitar as garantias individuais pois, como já ensinava o Padre Vieira, “dispensam-se as leis por utilidade e abre-se a porta à ruína universal que só se pode evitar com a observância inviolável das leis”.”

(Spano,2008, pg.154)

b) “Como mostra a recente situação no Rio, onde policiais organizados disputam favelas com bandidos organizados, a polícia no Brasil é o problema, não a solução”. (Spano, 2008, pg.154)

Ainda segunda Spano (2008), observa-se que o PB tende a impedir a realização da ordem VS quando o argumento interno é precedido por uma preposição, seja um argumento preposicionado, seja um objeto indireto. Por isso, no PB, a possibilidade de ordem VS é ainda maior com os verbos transitivos que apresentam um único argumento interno sem preposição. É o que verificamos na sentença a seguir, em que a ordem VS é desencadeada pela presença do elemento 'que' (pronomo relativo) à esquerda do verbo transitivo preposicional:

(6) “A gravidade da crise de segurança pública por que passa o país não permite que haja um diagnóstico único” (Spano, 2008, pg. 156),

Cabe ainda acrescentar os casos na ordem VS, com verbo leve, e um sintagma nominal na posição de objeto que composicionalmente faz com o verbo a descrição do evento, sendo observados quando da presença de um elemento à esquerda do verbo como o elemento ‘que’ e sintagmas adverbiais, conforme ilustrado em (7) e (8), respectivamente:

- a) “Plebiscitos e referendos, válidos quando usados criteriosamente, tornam-se perniciosos ao serem manipulados por forças políticas que costumam investir contra a arquitetura da democracia representativa. Não é sem motivo que faz parte do kit bolivariano de tomada do poder a convocação imediata de uma Constituinte, na esteira da vitória nas urnas.” (Spano, 2008, pg.154)
- b) “É bem verdade que a maior parte dos integrantes do Fundo costuma ter uma orientação mais próxima do pensamento econômico liberal ou ortodoxo. Mas não se deve perder de vista que, na criação do FMI, teve papel central o maior economista do século XX: John Maynard Keynes é um economista que nada tinha de ortodoxo ou convencional.” (Spano, 2008, pg.154)

É interessante notar que os casos citados por Spano estão crucialmente relacionados às estruturas de subordinação, ou à presença de um adjunto em posição anteposta ao verbo.

CAPÍTULO 2

ORDEM VS EM ORAÇÕES SUBORDINADAS E COORDENADAS: SISTEMATIZAÇÃO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo visa estabelecer uma contextualização teórica para fins da análise a ser realizada no capítulo seguinte. Diante disso, vamos nos deter na distinção entre o processo de coordenação e de subordinação, nos termos tradicionais e na perspectiva da linguística.

Sabemos que um dos tópicos fundamentais da sintaxe é o estudo da subordinação e da coordenação, conhecidos tradicionalmente como os dois tipos básicos de ligação entre orações, também designados hipotaxe e parataxe.

Costuma-se associar a coordenação a unidades independentes, e a subordinação a unidades dependentes, definindo-se os dois processos por critérios semânticos e sintáticos.

Bechara (1988) define oração independente como aquela que possui sentido completo (critério semântico) e que não exerce função sintática em relação à outra. E a dependente como a oração que exerce a função sintática de outra que se liga e vale por termo sintático que tem como núcleo um substantivo, adjetivo ou advérbio.

A seguir serão apresentadas algumas classificações.

2.1. Subordinação completiva ou substantiva

Para Silva e Mattos (1994), as orações subordinativas completivas, como sua designação sugere, desempenham sempre uma função sintática na estrutura da oração principal, que também pode ser cumprida por um sintagma nominal (SN). Essa função é requerida por algum termo regente da oração a que se subordina. Esta relação sintático-semântica está ilustrada na sentença a seguir:

- (1) “ E teme-se que uma das consequências desse período possa ter sido trazer o discurso chauvinista de Le Pen para a área de respeitabilidade”. (Spano, 2008, pg. 113),

A oração marcada corresponde à oração completiva iniciada pelo elemento de ligação, ou subordinante, que é a conjunção 'que', classificada como integrante.

2.2. Subordinação relativa ou adjetiva

A caracterização das orações subordinadas relativas tem sido apresentada em muitos estudos gramaticais. Neste trabalho, recorreremos a Mattos e Silva (1994), que se dedica ao tema em português arcaico. Para a autora as orações subordinadas relativas ou adjetivas, como sua designação sugere, retomam, através do pronome relativo, que as introduz, um nominal antes referido na frase ou sentença de que dependem, cumprindo a função sintática de um adjunto adnominal oracional.

Os pronomes relativos são, portanto, do ponto de vista semântico, de natureza anafórica e desempenham sempre uma função sintática específica na frase, além de serem conectores de sentença.

A oração relativa está exemplificada com um dado extraído do capítulo anterior repetido a seguir:

- (1) A gravidade da crise de segurança pública por que passa o país não permite que haja um diagnóstico único (Spano, 2008, pg.56).

Em (2), o pronome relativo 'que' vincula a posição de argumento interno do verbo 'passar', que seleciona um complemento oblíquo introduzido pela preposição 'por', que aparece como regente do pronome relativo, modificando o sintagma nominal 'crise de segurança pública'.

2.3. Subordinação circunstancial ou adverbial

Mattos e Silva (1994) define as orações subordinadas circunstanciais, também classificadas como adverbiais, como a oração que cumprem a função sintática de adjunto adverbial oracional.

Ainda de acordo com a autora, a relação semântica que a oração adverbial estabelece com a frase de que depende pode expressar tempo, causa, fim, modo, consequência, condição, concessão. Partindo desse critério semântico é que se tem

classificado essas subordinadas como temporais, causais, finais, modais, consecutivas, condicionais, concessivas

Exemplificamos tal relação com o dado a seguir, em que a conjunção 'se' introduz a oração adverbial condicional 'se um brasileiro (...) fizer a mesma pergunta (...)', que se vincula à oração principal 'a resposta 'varia muito' é quase insultuosa':

- (2) “ Mas se um brasileiro que nunca veio a Portugal fizer a mesma pergunta [quanto tempo demora um táxi do aeroporto até Areeiro], a resposta 'varia muito' é quase insultuosa”. (Brito, 2002, pg.96).

2.4. Coordenação

As frases ou sentenças coordenadas se distinguem das subordinadas por não preencherem, como essas, função sintática na frase a que estão conectadas.

As orações coordenadas costumam ser divididas, para fins didáticos, em assindéticas (sem conjunção) e sindéticas (com conjunção). Cunha e Cintra (1985) classificam as sindéticas, tomando como base a natureza da conjunção e as assindéticas, a partir de uma interpretação semântica que compara o sentido da oração coordenada com o da anterior.

Dessa maneira, no período composto a seguir, a oração grifada poderia ser classificada como adversativa ou explicativa.

- (3) Ela entrou disfarçada; ninguém reparou.

Já no próximo período em que a conjunção 'e', geralmente associada à semântica aditiva, que introduz a oração grifada, é considerada adversativa.

- (4) João é rico e não paga as dívidas.

Assim, o primeiro caso, que envolve uma oração assindética adversativa ou explicativa, de acordo com Cunha e Cintra (1985), pode configurar, facilmente, um caso de oração em outro período. No segundo caso, a oração coordenada é, sintaticamente, uma aditiva.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DA ORDEM VS EM DOCUMENTOS JORNALÍSTICOS DO CENTRO-OESTE NO SÉCULO XIX: O PAPEL DO TIPO DE CONJUNÇÃO/ ORAÇÃO

3.1. O *Corpus*

Conforme mencionado, este trabalho discute alguns resultados do estudo de Pedroza (2015) em relação à ocorrência da ordem VS em documentos produzidos na região Centro-Oeste, no século XIX. O corpus de Pedroza (2015) está constituído a partir das cartas de leitores (seção “Correspondencia”) publicadas nas edições de nº 1 (5 de março de 1830) a nº 54 (11 de maio de 1830) do *Jornal Matutina Meyapontense*. O autor escolheu-se essa seção objetivando retratar com a maior fidelidade possível as normas vernáculas do português na região centro-oeste brasileira, no século XIX, e, assim, realizar uma abordagem quantitativa autêntica e natural das orações com ordem VS e (ou) das inversões locativas.

Utilizando-se da categorização de Sardinha (2000), o *corpus* é classificado da seguinte forma: (a) quando ao modo: escrito; (b) quanto ao tempo: histórico; (c) quanto ao conteúdo: especializado, em virtude de ter como foco apenas um único gênero, qual seja carta de leitor; e regional ou dialetal, visto serem os textos constituintes de uma variedade sociolinguística específica; (d) quanto à autoria, de língua nativa; e (e) quanto à finalidade, de estudo.

3.2. Metodologia de análise dos dados

Este capítulo objetiva apresentar a análise sintática das orações com ordem VS com ênfase na relação entre o tipo de predicado e o papel das conjunções, a fim de identificar se o tipo de relação entre as orações – subordinação e coordenação – favorece a ocorrência dessa ordem, além de apresentar uma análise quantitativa considerando essa distinção.

Para tanto, a análise consistirá da distribuição dos dados em grupos de acordo com o tipo de predicado, definido pelo tipo de verbo quanto à transitividade:

- a) Verbos transitivos (direto (VTD)/ direto e indireto (VTDI)/ com complemento oblíquo (VTObl));
- b) Verbos inacusativos; e
- c) Verbos inergativos

Inicialmente, apresentamos o resultado geral da distribuição de orações VS em função do tipo de predicado em orações coordenadas e subordinadas.

Quadro 2

Distribuição de orações VS em função do tipo de predicado – fonte documental: *Jornal Matutina Meyapontense (Século XIX -1830)*

Transitivo	Inacusativo	Inergativo
28/61 (45,90%)	16/61 (26,22%)	0/61 (0%)

O primeiro ponto que sobressai é a ausência de ordem VS com verbos inergativos. Este resultado confirma o estudo de Kato e Tarallo (1989), que aponta para a ausência de ordem VS com verbos inergativo no PB atual. No entanto, merece um estudo detalhado a ocorrência da ordem VS com verbos transitivos e intransitivos inacusativos, uma vez que esse resultado não está de acordo com o que é encontrado no PB atual. Consideremos cada caso a seguir.

3.3 Análise da ordem VS em orações introduzidas por conjunção em função do tipo de verbo e do tipo de termo da oração

3.3.1 VS com verbos transitivos

No Quadro 3, extraído de Pedrosa (2008, p. 36), apresentamos os casos de ordem VS com verbos transitivos, em função do tipo que ocorre na primeira posição. Nessa comparação, ocorrem as conjunções, que constituem objeto de investigação deste trabalho.

Como se depreende dos dados, existe um percentual significativo de ordem VS na presença da conjunção, o que sugere que, como fator favorecedor, esse termo é sintaticamente semelhante ao adjunto adverbial.

Quadro 3

Casos de ordem VS com verbos transitivos, em função do tipo que ocorre na primeira posição – fonte documental: *Jornal Matutina Meyapontense* (Século XIX - 1830)

Elementos que procedem VS				
VS	Adjunto adverbial	Elemento Nulo	Pronome relativo	Conjunção
		9/28 (32,14%)	8/28 (28,57%)	1/28 (3,57%)

No quadro 4, identificamos a relação entre a ordem VS em estruturas introduzidas por conjunção e a contiguidade entre o verbo e o sujeito.

Quadro 4

Relação entre a ordem VS em estruturas introduzidas por conjunção e a contiguidade entre o verbo e o sujeito.

	Contiguidade de (VS)	Não-contiguidade (V-S)		
		(X)VS	XVS _v	XV _x S
X	XVS	(X)VS	XVS _v	XV _x S
Conjunção	1/2 50%	-	1/2 50%	0/2 0%

Constatamos que esses verbos não favorecem a inversão do sujeito, uma vez que o encontramos Nesse aspecto, portanto, confirma-se a tendência observada em relação ao PB atual.

Outro aspecto interessante é que um fator favorecedor da ordem VS com verbos transitivos é o contexto da subordinação, uma vez que na maioria das ocorrências está associado à presença da conjunção conformativa ‘como’. O efeito da conjunção coordenativa ‘e’ na ordem VS pode ser associado a um fator discursivo, que busca contrastar o sujeito referencialmente distinto daquele da oração anterior, uma vez que o sujeito correferencial nesse contexto favorecerá a realização nula.

Também da ordem VS em estruturas introduzidas por Essa característica sugere que não se trata de inversão românica ([VO]S), confirmando-se a hipótese do padrão V2.

Dessa forma, fica evidente nos dados a relação entre a ordem VS e a presença de uma categoria na periferia da oração, seja um adjunto adverbial ou uma conjunção, o que confirma a hipótese de que as características principais do padrão V2 (oriundo do português clássico) estavam presentes, embora já se verificasse uma tendência de mudança, uma vez que a ordem VS não foi encontrada verbos intransitivos inergativos. Considerando-se a hipótese de Pilati (2006) de que a ordem VS no PB é uma instância de inversão locativa, podemos supor que tal configuração é o resultado da reanálise do padrão V2, em que a periferia da oração deixa de ser ativada, ficando inerte para as operações de movimento de constituintes, e o domínio mais baixo, passa a ser ativado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ÂMBAR, Maria Manuela. **Para uma sintaxe da inversão verbo-sujeito em português**. Lisboa: Edições Colibri, 1992.

BORGES, Dalmo Vinícius Coalho. **Construções causativas no português do centro-oeste nos séculos XVIII-XIX e no português atual**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2008.

BRITTO, Helena et al. **Padrões de predicação no português falado no Brasil**. In: KATO, Mary. (Org.) Gramática do Português Falado. v. 5 Convergências. Campinas, Ed. A UNICAMP, 2002.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lexikon, São Paulo, 5ªed., 1985.

DIK, Simon (1980). **Studies in Functional Grammar**. Academic Press, Nova Iorque, pg 152.

GALVES, Charlotte. & PAIXÃO E SOUSA, Maria Clara. **Clitic placement and the positions of subjects in the history of European Portuguese**. In H. Jacobs and T Gwaart (eds). *Romance Language and Linguistic Theory*, 2004.

KATO, Mary Aizawa & TARALLO, Fernando (1988). **Harmonia Trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística**. In: Predição, nº 1, Campinas, pp. 1-41.

LIRA, Solange. **Subject posposition in Portuguese**. DELTA. v. 2., num. 1, 1986.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico – Sintaxe e morfologia**. São Paulo: Editora Contexto, 1994

PEDROZA, Jonathan Furtado. **Sobre a emergência da inversão locativa no Português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2015.

PILATI, Eloisa Nascimento Silva. **Sobre a ordem verbo-sujeito no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2006.

RIBEIRO, Ilza. *A sintaxe da ordem do português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

SARDINHA, Tony Berber (2000). **Linguística de corpus: histórico e problemática**. In: DELTA. São Paulo, v. 16, n. 2. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200005>.

SPANNO, Maria. **A ordem do Verbo-Sujeito no Português Brasileiro e Europeu: um estudo sincrônico da escrita padrão**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.